



**II Congresso Internacional
sobre
Património Industrial**

2014
22 - 24 Maio

**PATRIMÓNIO, MUSEUS E TURISMO INDUSTRIAL:
UMA OPORTUNIDADE PARA O SÉCULO XXI**

DOS MOINHOS DO HUÍMA À FÁBRICA DE FIAÇÃO DE CRESTUMA: (PORTUGAL) UM CONTRIBUTO PARA A HISTÓRIA DE UMA IMPORTANTE UNIDADE INDUSTRIAL (SÉCULOS XVI-XIX)

FROM THE HUÍMA WINDMILLS TO THE CRESTUMA (PORTUGAL) SPINNING FACTORY: CONTRIBUTIONS TO THE HISTORY OF AN IMPORTANT INDUSTRIAL UNIT (XVI-XIXTH CENTURIES)

José Ferrão Afonso

Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes / Escola das Artes

Universidade Católica Portuguesa

RESUMO

O rio Huíma, afluente da margem esquerda do Douro, percorre no seu percurso final as freguesias de Santo André de Lever e Santa Marinha de Crestuma. Junto da colina de Soutelo em Lever, o vale do rio estreita-se, a diferença de cotas acentua-se e a corrente acelera; aí existiu um grande número de moinhos e aí foi fundada, nos finais do século XVIII, a fábrica dos Arcos de Ferro e Verguinha, que foi sucedida, no século seguinte, pela Fábrica de Fiação de Crestuma.

Palavras-chave: Huima, moinhos, Fábrica dos Arcos de Ferro e Verguinha, Fábrica de Fiação de Crestuma.

ABSTRACT

The Uima river, left tributary of the Douro, in its final route traverses the parishes of Santo André de Lever and Santa Marinha de Crestuma. Along the Soutelo hill in Lever, the valley narrows, the river coordinate difference is accentuated and current speeds; there existed a large number of mills and there was founded, in the late eighteenth century, the Fábrica dos Arcos de Ferro e Verguinha, which was succeeded, in the following century, by the Fábrica de Fiação de Crestuma.

Keywords: Huima, mills, Fábrica dos Arcos de Ferro e Verguinha, Fábrica de Fiação de Crestuma.

OS MOINHOS

O século X será de grande difusão dos moinhos hidráulicos no Ocidente peninsular. A referência mais antiga a um desses engenhos data de 906; pertencia à igreja de Águas Santas, na diocese de Braga (GIL, 1965:162). Alguns anos depois, em 922, uma doação feita ao mosteiro de Crestuma refere o *sesicam molinaum in riuolo umie* (HERCULANO, 1867:17 apud GIL, 1965:162). A densa bacia hidrográfica do Huima, afluente da margem esquerda do Douro com a sua foz em Crestuma, no concelho de Vila Nova de Gaia, associada às características geológicas do solo, originou grande fartura de água e a fertilidade de campos. Estavam, portanto, reunidas as condições naturais para a existência de numerosos moinhos. Assim, as «Memórias Paroquiais» de 1758 indicam-nos que, só na freguesia de Lever, se localizaram no Huíma quinze moendas (BARROS; COSTA, 2003, 198) (Fig. 1).



Fig. 1 - Moinho do Huima em Mourães, a montante da fábrica.

Tendo em vista os objectivos desta comunicação, interessam-nos o trecho do percurso do Huíma, em Lever, que contorna a colina de Soutelo, na margem direita, entre a boca do canal que alimenta as turbinas da Fábrica de Fiação e a ruína do moinho da Vinha, perto da antiga fábrica de fundição da Barbosa & Irmão, um pouco a jusante do limite poente da freguesia (Fig. 2).



Fig. 2 - Área da freguesia de Lever, atravessada pelo Huíma, junto da fábrica de Fiação e da fronteira com Crestuma.

No início do século XVII, nas margens norte e sul do rio que aí se orienta para poente, essa fronteira coincidiu, respectivamente, com os limites ocidentais dos casais de Pêro Gonçalves da Igreja e «Dos de Crestuma, demarcados em 1608 no Tombo da Comenda de Santo André de Lever¹.

Nesse excerto do curso de rio, que descreve uma larga curva, as águas são mais rápidas e caudalosas, devido ao estrangular da garganta e ao maior declive do leito; por isso, aí se localizaram numerosos engenhos hidráulicos. A documentação, quer da Mitra do Porto, senhoria do Couto de Crestuma, quer da Ordem de Cristo, de que Lever foi Comenda desde 1512, faz detalhada menção deles.

Como se referiu, junto do limite poente da freguesia de Lever, mas já em território de Crestuma, localizou-se, na margem direita, o moinho da Vinha (Fig. 3); propriedade da Fábrica da Sé do Porto, organismo dependente da Mitra, ele foi emprazado em 1543, sendo bispo Baltasar Limpo, a Gonçalo Anes, o Cabrito, da cidade do Porto:

153



Fig. 3 - Ruína do moinho da Vinha.

«...Moinho da Vynha sito no rio de Crestuma com sua levada e testada ate mea bea do rio ate todo ho moyinho e com suas entradas saydas pelo monte e resyo e arvores das quaes propriedades elle ajmda tinha hua vida e a renunçiou peramte mim e lhe emprazava em tres vidas...»².

¹ Na medição do casal de Pêro Gonçalves da Igreja, em Lever, menciona-se esse limite: «Item o campo da Mettade tem ao redor des arvores de vinho e tem monttes de fora dos vallos que parttem do nortte com montes de João Alvares de Crestuma e vão partir com moinho da Vinha para Soutello» [Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Mesa da Consciência e Ordens, Tombo das Comendas, Livro 328, Tombo da Comenda de Santo André de Lever, fl. 123 v^o]. Por sua vez, o casal «Dos de Crestuma», situado na margem fronteira, em Soutelo, que confrontava com Crestuma, alcançava igualmente esse ponto na fronteira: «e comtinuando ao redor do rio Huiman athe a lapa que esta junto a levada dos moinhos da Vinha tem esta medição dozentas varas...» [ANTT, Chancelaria Antiga da Ordem de Cristo, Livro 138, 1718, Março 4, fl. 46].

² Arquivo Distrital do Porto, K/20/4-93, Mitra, Crestuma 3^o, 1543, Julho 24, s/n/ fls.

Novo prazo do moinho. da devesa de S. Paio e da portagem de Arnelas é feito, em 1623 a Violante Aranha de Távora, igualmente do Porto:

«...Em Crestuma huma casa com quatro rodas de moinhos duas allveiras e duas negreiras que estam na veyda da Uyma da agoa as quaes vendeo Gregorio de Oliveira a Simão d'Andrade chamão- se os moinhos da Vinha paguão pello prazo velho a Fabrica da See trezentos reis ...»³.

Já no século XVIII, em 1741, o moinho é de novo emprazado, desta vez a Cristóvão de Melo Ferraz e sua mulher Isabel Teresa de Figueiredo, descendentes de Violante de Távora:

«Item humas casas telhadas com telha e lousas e seu repartimento pelo meyo em cada hua das quays tem duas rodas, tres negreiras e huma albeyra, que sendo medidas de norte a sul tem de comprido pela parte do poente dez varas e de largo medidas pela parte do norte de nascente a poente tem sinco varas e meya e pela parte do sul tem as mesmas sinco varas e meya. Tem duas portas para a parte do poente para onde com a servidão, moem estes moinhos com agoa que vem do rio da Huima, no qual esta feita hua levada donde say toda a agoa para elles. Moera cada huma das rodas destes ditos moinhos em cada hum anno seis mill e trezentos e trinta alqueyres de pam. Confrontão pela parte do nascente com as mesmas bocas das cales e levada dos mesmos moinhos e da parte do poente com o rio, digo com o rio e os caboucos dos mesmos moinhos e da parte do sul confrontão com o mesmo rio e da parte do norte com terras da mesma Mitra...»⁴

O último senhorio útil do moinho, a que os livros de contas da Mitra fazem referência em 1890, é a Viscondessa da Asseca⁵.

A montante do moinho da Vinha, mas na margem fronteira, no monte de Soutelo que se remata no Picoto, situaram-se os 3 moinhos do prazo do casal supra mencionado que, no Tombo de 1608 é designado «Dos de Crestuma» [Cosme Fernandes, Domingos Rodrigues e suas mulheres e Sebastião Fernandes, viúvo, todos do lugar de Crestuma] e se situou no extremo dessa freguesia, confrontando a poente, na actual zona do Vale da Voz, com Crestuma:

154 «...Hua casa telhada com duas rodas de moinhos moenttes e correnttes hua alveira outra segumdeira. Tem a casa de comprido sinco varas e tres de largo. Parte do nacente com o rio Sima e do sul com a levada dos moinhos e do poentte com outra casa delles e do nortte com monttes deste prazo (...) Outras duas rodas alveira e segumda moenttes e correnttes em outra casa colmada que tem de cumprimentto seis varas e de largo tres. Partte do nacente com a sobredita casa e dos mais rumos com a dita levada e monttes (...) Logo abaixo outra caza colmada que tem duas rodas moenttes e correnttes huma alveira e outra segumdeira. Tem a casa sinco varas de comprido e tres de largo. Parte com o dito rio e monttes...»⁶.

Em 2 de Dezembro de 1715, em emprazamento do mesmo casal a António Lopes, referem-se de novo estes moinhos:

«Item hua casa coberta de telha com quatro rodas de moinhos segundeiras que partem do nascente e poente e sul com terra deste prazo e da parte do nortte com terra de Cosme Aranha que tem de cumprido de nortte a sul nove varas e de largo do nascente a poente tres varas e tres palmos com todos os preparos necessarios sem damno algum. Item hua casa coberta de colmo com dous moinhos segundeiros que partem do nascente poente e sul com terras do mesmo prazo e do norte com rio Huiman e tem de cumprido de norte a sul sinco varas e tres palmos e de largo de nascente a poente quatro varas com todos os preparos necesairos sem damno algum...»⁷.

O casal da Igreja, em Lever, aforado em 1584 a Pêro Gonçalves [BARROS; COSTA, 2003:145], possuía igualmente dois moinhos nas proximidades dos atrás referidos e na mesma margem [esquerda] do Huíma:

«Tem mais o dito casal de Pero Gonçalves hum moinho no rio Sima chamado o moinho da Era em casa palhasa. Tem duas rodas hua de alveiro outro secundeiro moventtes e correnttes. Partem com o rio e com monttes de João Fernamdes e Cosme Fernamdes, casais da Igreja. Tem este moinho e prazos ahi hum resio e saida a portta

³ ADP, Mitra, K/20/3-10, Livro 10 de Prazos da Mitra, 1623, fl. 37.

⁴ ADP, Mitra, K/20/3-20, Livro 20 de Prazos da Mitra, 1741, Novembro 2, fl. 99 v^o.

⁵ ADP, K/20/3/71, Foros da Mitra, fl.72v^o.

⁶ IAN/TT, Mesa da Consciência e Ordens, Tombo das Comendas, Livro 328, Tombo da Comenda de Santo André de Lever, fl. 88v^o-89.

⁷ IAN/TT, Chancelaria Antiga da Ordem de Cristo, Livro 138, 1718, Março 4, fl. 46.

que tem hus carvalhos e castanheiros [...] Tem mais este prazo outro moinho com sua casa palhasa onde chamão Soutello no mesmo rio da Sima. Tem hua roda segundeira moemtte e corrente. Parte com o ditto rio e com montaddos dos da Igreja. Tem logo ahi no mesmo Soutello junto ao moinho hum soutto de castanheiros, carvalhos e salgeiros que partem com o dito rio e os dittos montados e chama se Soutelo...».⁸

O casal será emprazado em três vidas ao neto de Pedro Gonçalves e sua mulher Antónia Moreira, Francisco Moreira e a sua mulher Inês Aranha da Rocha, em 5 de Maio de 1657:

«Jtem hum mojnho que se chama da Era que esta no rio da Huyma. Outro moinho que esta em Sotelho no dito rio [...] Em Soteulho tem vinte e quatro peys de castanhos carvalhos e salgeiros a porta do mojnho da Era tem sinco pejs de carvalhos...».⁹

Finalmente, é feito um novo aforamento em duas vidas, desta vez a Cosme Aranha e sua mulher Maria Antónia, do casal da Igreja com os seus moinhos no Huima, em 1 de Outubro de 1732; as moendas, referidas, porém, são agora três, em vez das duas anteriores:

«...Hem o rio Hujma tres casinhas colmasas e em huma dellas duas rodas de moynho e em as duas cada hua sua são de moer broa e mohem verão e eny digo verão e enveerno com seus cadousos e calles tudo do mesmo ryo hum delles see chama o mojnho do Penedo houtro pella parte de sima deste e outro chamado de Soutello...».¹⁰

Ainda na margem esquerda do rio, contíguo e a montante dos moinhos e souto do casal de Pêro Gonçalves, a comenda de Lever possuía o casal de Soutelo, que “esta da banda d’alem do rio de Sima”¹¹, de que era foreiro João Fernandes, que tinha também moinhos no Huíma:

«Achou que tem huã casa palhaça com tres rodas de moinhos de rodísio cõ suas calles e se nada partte do nacentte e Sima do sul com levada delles do poemtte com caminho do dito moinho do norte com monttes deste prazo. Tem de cumprido seis varas e hu palmo e de largo sinquo varas e hua roda d’ alveiro e duas de segundeiro...».¹²

Em 1715, esses moinhos são de novo descritos:

«Item hũa casa de moinho telhada com 3 rodas hua de moer trigo e outra de moer segunda com todos os aparelhos necesarios e parte do nascente com o rio e o mesmo do poente [sic] com as cazas do mesmo prazo e do norte com o mesmo rio e do sul com a levada dos ditos moynhos que tem de comprido de nascente a poente 5 varas e 4 palmos e de largo de norte a sul 4 varas e 3 palmos. Item outra caza terrea telhada com 2 mos hua de moer trigo outra de segunda com todos os aparelhos necesarios que parte do nasente com o mesmo rio Uima e do poente com as cazas e serventia do dito moynho e do norte com a levada e do sul com terras do mesmo prazo e levada do dito moynho. Tem de largo de norte a sul 13 varas e 2 palmos e de comprido de nascente a poente 4 varas e dois palmos...».¹³

Passando agora à margem fronteira do Huíma, e a montante do moinho da Vinha, junto do lugar, já referido atrás, designado do Penedo, existiam dois pares de engenhos pertencentes a prazos da Mitra (Fig. 4).



Fig. 4 - Duas unidades fabris, perto do moinho da Vinha, construídas sobre antigos moinhos.

⁸ IAN/TT, Mesa da Consciência e Ordens, Tombo das Comendas, Livro 328, Tombo da Comenda de Santo André de Lever, fl. 45- 45 v^o.

⁹ IAN/TT, Chancelaria Antiga da Ordem de Cristo, Livro 48, 1675, Agosto 21, fls. 450v^o - 451.

¹⁰ IAN/TT, Chancelaria Antiga da Ordem de Cristo, Livro 179, 1732, Outubro 1, fl. 37v^o.

¹¹ IAN/TT, Mesa da Consciência e Ordens, Tombo das Comendas, Livro 328, Tombo da Comenda de Santo André de Lever, fl. 79.

¹² *Idem, ibidem*, fl. 80v^o.

¹³ IAN/TT, Chancelaria Antiga da Ordem de Cristo, Livro 128, 1728, Março 27, fl.128.

Nos finais do século XVI estavam aforados a Pantaleão Lopes e Pêro Lopes. Esses dois moinhos estavam emparelhados; o par de Pêro Lopes, foreiro, com sua mulher Isabel de Barros, de um terço do casal de Fioso, é descrito da seguinte forma:

«Item no Penedo dois moinhos hum alveiro e outro negreiro que são ambos em hũa casa com outros dous que são de Pantalleão Lopez e hũas casas terreiras telhadas com sua saída com arvores pera tras de que pessuy ametade de tudo...».¹⁴

Em 1683, o prazo do terço do casal e dos moinhos supra pertencia a Bárbara de Barros:

«Hua casa de moinhos telhado terreiro no Penedo cõ duas rodas hua de alveiro outra de negreiro tem de comprido quatro varas e meã e de largo tres. Confronta da parte do nascente com moinho de João Lopes e das mais partes com o rio...».¹⁵

Finalmente, em 1788, os moinhos e o casal pertencem a Mariana de Barros, descendente da anterior, e a seu marido José Fernandes de Oliveira:

«Item hua casa de moinhos com duas rodas negreiras sitas no rio Uyma sitio do Penedo tem de cumprido tres varas e quatro palmos do norte para o sul e tem cinco varas de nacente a poente. Item ametade das calles e do cais que tem de cumprido de nacente a poente treze varas e de largo sette. Item ametade do asude que medido do cais para cima de nacente a poente tem vinte e cinco varas e de largo de norte a sul tem sette varas. Confronta tudo do norte com muinhos de Ignacio Antonio Vieira do sul com o rio Uima, do nascente com o rio Uima e do poente com o mesmo rio...».¹⁶

Quanto aos moinhos de Pantaleão Lopes, detentor, com sua mulher Maria Antónia do prazo de um quarto do casal de Fioso, são descritos em 1585:

«Item mais dous moinhos no Penedo que estam com outros dous de Pero Lopez todo em huma casa hum alveiro he outro negreiro...».¹⁷

Em 1683, o quarto de casal e o moinho pertenciam a João Lopes e sua mulher Maria Vieira:

156 «Item hũa casa terrea telhada cõ duas rodas de moinhos hũa alveira outra negreira que moe todo o anno que tem de comprido seis varas e mea e de largo seis varas. Cõfronta da parte do nacente com montado da comenda de Lever e do poente e sul cõ o rio digo do sul e norte e do poente cõ moinho de Barbara de Barros que he foreiro a Mitra...».¹⁸

Em 1773, o casal e o moinho eram emprazados aos seus descendentes Inácio António Vieira e Josefa da Esperança:

«Item humas casas telhadas com duas rodas de moinhos negreiras chamado o sitio do Penedo que sendo medida a dita casa de norte a sul tem de comprido seis varas e de largo outras seis. Item metade das calles e caes que tem de comprido de nascente a poente treze varas e de longo de norte a sul sette. Item metade do asude que sendo medido do caes para cima do nascente a poente tem de comprido vinte e cinco varas e de largo de norte a sul sette varas. Confronta tudo do nascente com o montado da Comenda de Lever, do poente com terras da Mitra, do norte com o mesmo montado de Lever e do sul com moinhos de Manuel do Couto de Grijo foreiros a mesma mitra...».¹⁹

Outro terço do casal de Fioso possuía moinhos no Penedo. Em 1683, o casal, incluindo as moendas, foi aforado a Manuel Álvares e sua mulher Maria Francisca:

«Item hua casa de moinhos telhada no ribeiro de Crestuma com duas rodas negreiras que mohe todo o ano. Tem de comprido sinço varas e de largo quatro e meã. Confronta do nascente com terras da comenda de Lever e das mais partes com o dito ribeiro...»²⁰.

Em 1744, o mesmo moinho, então na posse de José Francisco de Sousa e sua mulher Maria Francisca, é descrito da seguinte forma:

¹⁴ ADP, K/20/4/93, Crestuma 3ª, 1587, Novembro 20, s/n fl.

¹⁵ ADP K/20/3/-16, Livro 16 de Prazos da Mitra, 1683, Novembro 9, fl. 111vª.

¹⁶ ADP, K/20/3-35, Livro 35 de Prazos da Mitra, 1788, Junho 27, fl. 237-237vª.

¹⁷ ADP, K/20/4/93, Crestuma 3ª, 1585, Outubro 13, fl. 9vª.

¹⁸ ADP, K/20/3/16, Livro 16 de Prazos da Mitra, 1683, Novembro 7, fl. 107vª.

¹⁹ ADP, K/20/3-33, Livro 33 de Prazos da Mitra, 1777, Fevereiro 8, fl.111vª.

²⁰ ADP, K/20/3-16, Livro 16 de Prazos da Mitra, 1683, Novembro 10, fl. 116vª.

«Item no rio Huima de Crestuma huma casa terrea e telhada com sua porta para o norte e duas rodas de moinhos negreyros que moe todo anno com agua do mesmo rio que vem pela levada que lhe fica para a parte do nascente junto a outros moinhos de outros pesoidores. Que sendo medida a dita casa de norte a sul tem de comprimento cinco varas e de largo na cabeça do norte medida de nascente a poente tem coatro e mea. Confronta do norte com terras da comenda de Lever, do nascente com a dita levada e das mais partes com rio, os quaes moinhos se chamão do Penedo. Item a dita levada que fica para a parte do nascente junto aos moinhos para onde vem a agoa que sendo medida de nascente a poente tem de comprimento quatorze varas e de largo na cabeça do nascente junto aos moinhos dos outros possuidores tem vara e mea e na do poente tem duas varas e mea. Confronta do norte com casas de outros moinhos e das mais partes com o dito rio Huima...»²¹.

«Dentro da comenda de Lever», um outro moinho era de herdade dízimo a Deus e localizou-se na margem direita do Huima (Fig. 5), tendo sido doado por Sebastião Álvares e sua mulher para constituição de património do seu filho, o padre Manuel Francisco, designando-se igualmente «moinho do Penedo»:



Fig. 5 - Levada de antigo moinho a jusante da fábrica.

«...Huma roda de moinhos sita no rio Huyma que partem do nascente com terras de Cosme Aranha da freguesia de Lever e pellas mais partes com o ditto rio Huyma...»²².

Não muito longe destes, e na mesma margem, situava-se um outro moinho, pertencente ao casal de Pantaleão Gonçalves e sua mulher Bárbara Carneira, caseiros da comenda de Lever em 1608:

«Item mais hua casa de moinho junto ao rio Sima que tem hũa roda d'alveiro e outra de segundeiro moventes e correntes. Parte do poentte com o dito rio, do sul com levada dos moinhos, do nacente com montados e casa meia telhada e mea colmada. Tem logo ahi hũa recham que tem quinze arvores seis castanheiros e as mais de carvalhos que são deste casal...»²³.

Em 13 de Outubro de 1715, o casal que fora de Catarina Carneiro, com o moinho no Huíma, pertence a João Lopes Delgado, de Miragaia, que o comprara a Mariana da Costa, viúva de António Guimarães:

«Jtem hũa caza que he moinho junto ao rio que tem de comprimento outo varas de norte a sul e de largo tres varas e meja de nacente a poente com tres rodas dentro hũa alveira de moer trigo e duas segumdeiras de moer milho que de verão moeie com hũa roda so e de emverno não havendo grandes cheias com todas as tres rodas. Jtem hũ pedaso de terra pegado ao dito moinho que serve de orta nas fragas do monte que tem de comprimento quatro varas e de largo duas e meja...»²⁴.

OS MOINHOS E OS CASAIS

O moinho alveiro é o que só mói pão branco; o negreiro, ou secundeiro, mói milho ou centeio e esses cereais eram cultivados nos casais que andavam associados aos engenhos. Assim, as diversas fracções do casal de Fioso, em Crestuma, possuíam, na zona do rio a que nos reportamos, uma série de moinhos. Localizaram-se no leito do rio - dois deles a par - sem possuírem, como os outros na mesma zona que pertenciam à comenda de Lever, terrenos mais ou menos extensos na margem.²⁵

²¹ ADP, K/20/3-23, Livro 23 de Prazos da Mitra, 1744, Maio 10, fl. 82-82vº.

²² ADP, Mitra, K/20/4-95, 1724, Agosto 28, s/n fl.

²³ IAN/TT, Mesa da Consciência e Ordens, Tombo das Comendas, Livro 328, Tombo da Comenda de Santo André de Lever, fl. 45.

²⁴ IAN/TT, Chancelaria Antiga da Ordem de Cristo, Livro 121, fl. 441 vº.

²⁵ A excepção é o moinho de Pêro Lopes, que no prazo de 1587 se indica ter «huas casas terreiras telhadas com sua saída com arvores pera tras». Nos emprazamentos posteriores da moenda, porém, a referência a esse terreno desaparece.

Com efeito, nesse local as duas margens eram território da freguesia e comenda de Lever e, entre ele, e Fioso localizavam-se os dois casais, de Soutelo e «Dos de Crestuma», supra mencionados.

A importância das moendas para a economia dos casais de Fioso em Crestuma terá ocasionado essa distribuição de propriedade. O acesso dos moinhos aos casais também foi previsto, pois existe um percurso, que se designou caminho ou estrada de Fioso e hoje rua da Bela Vista, que galga a colina entre os antigos casais de Soutelo e “Dos de Crestuma”.

É, portanto, notório que todos os moinhos referidos – com excepção do moinho da Vinha - se encontravam associados a uma unidade agrícola, ou, no caso dos moinhos de Soutelo, a montados. Será exemplar, a esse propósito, referir que, um pouco a montante da zona de que estamos a tratar, e na margem esquerda, o casal de António de França, o Barbosa, também em território de Lever, possuía um moinho, já não existente quando da demarcação do Tombo em 1608, mas que o caseiro tinha o direito de reconstruir:

«Achou o juis que antigamente teve este casal hum moinho no rio Sima com seu montte o quall achou ser dos montadores e pertemser com monte conforme ao costume da terra como a vezinho e não ha paredes dos moinhos mas pode as fazer o caseiro se quiser...».²⁶

Para além das condições naturais, a proximidade do Douro e através dele, o acesso fácil ao Porto, terão contribuído, de forma decisiva, para o grande número de moinhos. Por exemplo nas Memórias Paroquiais (1758) afirma-se que só em Crestuma – portanto a jusante da zona de que tratamos -, existiam 14 moenda no Huíma e as duas únicas e rudimentares pontes desta freguesia, na Aspa e na Vinha, estavam relacionadas com a actividade dos moleiros (COSTA, 2000:110): com efeito, a passagem de Soutelo para a margem fronteira era indispensável para o acesso aos moinhos dos casais de Fioso.

As moagens, mas também a abundância de madeiras, sobretudo de castanho e carvalho²⁷, podem ter despertado o interesse dos portuenses: os sucessivos foreiros do moinho da Vinha eram do Porto; Inês Aranha da Rocha, provável parente próxima do Cosme Aranha da Rocha que instituiu em 29 de Março de 1628 uma capela no convento de S. Francisco no Porto²⁸, casará com Francisco Moreira, neto de Pêro Gonçalves e seu herdeiro no casal da Igreja; já mencionamos que Bárbara Carneiro, de Miragaia, possuía aí um casal referido no Tombo de 1608 e Maria de Couros era casada com Cristóvão Guedes, foreiro do casal de Carreira Cova em Lever.²⁹

A FÁBRICA DOS AROS DE FERRO

Segundo a cópia, truncada, de um documento, datado de 1793, que se conserva no Arquivo da Junta de Freguesia de Lever, existia nessa data um “engenho” na zona do rio de que temos vindo a tratar: «engenho da madeira que fica unido a fraga grande».³⁰

O “engenho da madeira” deveria ser uma serração movida a energia hidráulica; a madeira, como se referiu, era abundante na zona. O documento supracitado refere-se à tomada de posse de terrenos, por parte da Companhia Geral das Vinhas do Alto Douro, para a construção da fábrica de Arcos de Ferro e Verguinha que, segundo Francisco Queiroz, embora fosse principalmente destinada à fabricação de arcos de ferro para pipas e tonéis, teria, possivelmente, também produzido «balas, pequenos objectos utilitários em ferro e mesmo alguns maquinismos para outras fábricas» (QUEIRÓS 2008: 131). Porém, ao que tudo indica, e a menos que o «engenho» referido já lhe pertencesse, a fábrica não foi fundada em 1790 (SOUSA, 2003:59 apud QUEIRÓS, 2008:131), mas em 1793. Dado o que atrás foi dito, esse local não foi seleccionado por acaso: os moinhos e o «engenho» aproveitaram-se das excelentes condições naturais aí existentes para a produção de energia hidráulica.

Desse modo, em 1792, surge uma escritura de arrendamento feita pela Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro ao órfão Manuel, filho de Manuel Moreira Aranha de Lever, ambos herdeiros de Pêro

²⁶ IAN/TT, Mesa da Consciência e Ordens, Tombo das Comendas, Livro 328, Tombo da Comenda de Santo André de Lever, fl. 57v^a.

²⁷ No aforamento do casal da Igreja a Francisco Moreira, afirma-se que deveria plantar dez pés de castanheiros e dez de carvalhos por ano (IAN/TT, Chancelaria Antiga da Ordem de Cristo, Livro 48, 1675, Agosto 21, fl. 447).

²⁸ ADP, Convento de S. Francisco, K/20/7-1, Capelas, Tomo 8^o. «Legado de Cosme Aranha da Rocha e mulher Maria Leitoa de Carvalho» fl. 291-291v^a.

²⁹ ADP, Registos Paroquiais, Livro M, n^o 1 Freguesia de Santo André de Lever, 1586- 1690, Baptismos, 17 de Setembro de 1594, fl. 12 v^a.

³⁰ Arquivo da Junta de Freguesia de Lever, Processo dos Limites, documentação apresentada por Crestuma, doc. 10, 1793, Maio 7, fl. 3.

Gonçalves, Francisco Moreira e Cosme Aranha no casal da Igreja de Lever³¹. O documento refere o arrendamento, por nove anos, dos «...moinhos de Baixo citos no rio Huíma junto do Penedo freguesia de Lever...», que seriam destinados à edificação da Fábrica de Arcos de Ferro³². Esse contrato, porém, terá sido denunciado, tendo havido uma mudança de planos: os terrenos cuja posse foi tomada em 1793, situados nas proximidades do Penedo e do Engenho, pertenciam ao órfão Manuel, bem como a Luís Carlos da França Benevides e a José Francisco da Silva³³.

O terreno expropriado ao casal da Igreja, então na posse do órfão Manuel, incluía, para além dos moinhos do Penedo, ainda uma outra moenda com duas rodas e uma área de cem varas ao longo do rio por outras cem varas na direcção do «monte». José Francisco da Silva foi expropriado do seu moinho e de cinquenta varas ao longo do rio por outras cinquenta na direcção do «monte»; finalmente, a expropriação a Luís Carlos da França Benevides incidiu sobre um moinho de quatro rodas «...que ficam d'alem do rio com o terreno que lhe couber por ele que fica místico ao mesmo rio digo místico ao mesmo moinho em linha reta...»³⁴. Todos os foros relativos às propriedades expropriadas foram remidos e indica-se que esses moinhos de França Benevides se localizavam em Soutelo.³⁵

A Fábrica dos Arcos de Ferro e Verguinha terá, por conseguinte, ocupado uma área de aproximadamente 14.600 metros quadrados na margem direita do Huíma e, na que lhe era fronteira, em Soutelo, os moinhos que tinham pertencido ao casal de Pedro Gonçalves da Igreja, mais um moinho de quatro rodas, e uma área indeterminada de terra que era «mística» a este último. Nesse local, só o casal «Dos de Crestuma», demarcado no Tombo de 1608, possuía um moinho de quatro rodas; de facto, Luís de França Benevides Corte Real, do lugar de Perosinho, vendeu em 1784 uma série de propriedades em que se incluíam os «montes» de Soutelo, freguesia de Lever, cujas confrontações coincidem parcialmente com as do antigo casal “Dos de Crestuma”³⁶. A razão dessa coincidência ser parcial prende-se com o facto de a venda não incluir os moinhos da propriedade, que devem ter ficado na posse de França Benevides; um deles – o de quatro rodas – bem com uma área indeterminada de terreno junto, seriam alguns anos depois expropriados para a Fábrica.

A Companhia das Vinhas do Alto Douro enviou à Rússia Francisco José de Moura Basto, que dirigiu os trabalhos de construção da fábrica; viria, porém, a falecer antes de ver as primeiras máquinas a funcionar.³⁷ Em 1800, a construção ainda decorria; data desse ano um livro de *Despesas que se fazem nesta fabrica dos arcos de ferro neste sitio de Crestuma assim jornais de pedreiros...*³⁸ Os moinhos expropriados, contudo, continuaram a existir; o livro da *Caixa d'amortização Inventário 1845-1852* da mesma fábrica refere no fl. 1: «Inventario geral das casas armazens moinhos e terras da quinta da Fábrica na freguesia de Santo André de Lever, existente em 30 de Junho de 1845”. Para cada ano, entre essas datas extremas, menciona-se no manuscrito o «Valor do Edeficio da Fábrica de Fundição e Arcos de Ferro, na freguesia de Santo Andre de Lever, casas anexas, diversos cumes de moinhos sobre o rio Jma e terras labradias cercadas de muros».³⁹

159

Francisco Queirós refere também que em 1830, para além de casa nobre para habitação e arrecadação, a fábrica possuía quatro moinhos e uma casa de azenha, entre outras instalações; também já não fabricava apenas arcos de ferro, mas possuía «forjas, secção de pregaria e carpintaria e uma importante secção de fundição, tudo movido por várias rodas hidráulicas montadas sobre um canal do Rio Uíma» (QUEIRÓS, 2008:131). Segundo Sousa Reis, a fábrica terá sido usada pelas forças miguelistas, durante o cerco do Porto, para a pro-

³¹ Viria a ser capitão, de seu nome completo Manuel Moreira Aranha de Bessa Leão Freire da Silva (ADP, G/23/2/1-4.2, Registos paroquiais, Freguesia de Santo André de Lever, anos 1781 a 1846. Livro M, nº 4, Baptismos, fl. 95). Manuel Moreira Aranha, pai do capitão Manuel Aranha, é neto de Cosme Aranha (ADP, Registos Paroquias, Freguesia de Santo André de Lever, Livro M, nº 3, 1748 a 1781, Baptismos, 1758, Abril 25, fl. 51). Este, por sua vez, é filho de Cosme Aranha de Leão, que alcançou renovação do emprazamento do casal da Igreja em 1732 (IAN/TT, Chancelaria da Ordem de Cristo, Livro 179, 1732, Outubro 31, fl. 25 vº e ss) e neto de Francisco Moreira, casado com Inês Moreira da Rocha. Este, a quem o prazo do casal foi confirmado em 1657 (Idem, Livro 48, fl. 445 e ss) é, por sua vez, neto de Gaspar Moreira, filho de Pêro Gonçalves e sua mulher Antónia Moreira a quem o casal da igreja foi a emprazado em 1584.

³² Arquivo Distrital de Aveiro, Notarial de Vila da Feira, 322-24, 1792 Agosto 3, fl. 121vº-122.

³³ AJFL, Processo dos Limites, documentação apresentada por Crestuma, doc. 10, 1793, Maio 7, fl. 2.

³⁴ *Idem, ibidem*, fl. 3.

³⁵ *Idem*, doc. 5, fl. 5.

³⁶ ADP, Po9, Livro 168, 1784, Agosto 6, fl. 53vº.

³⁷ Arquivo da Junta de Freguesia de Lever, processo dos limites da freguesia de Lever. Mapas e Documentos, 1º Volume, Doc. nº 12. Documento dirigido aos Provedores e deputados da Junta da Companhia Geral, redigido em Lever, na Fábrica de Arcos de Ferro, em 12 de Setembro de 1827.

³⁸ Arquivo da Real Companhia Velha, 6.2.020.25, Livro 1/4.

³⁹ *Idem*, 5.008, Livro 2/7.

dução de balas (REIS, 1984:230). O facto é que na actual Fiação se encontravam ainda bem visíveis, há pouco tempo, dois canhões (Fig. 6); essa produção terá, aliás, levado, à interrupção da laboração (QUEIRÓS, 2008:132).



Fig. 6 - Canhões na fábrica de Fiação.

Em consequência, e segundo o mesmo autor, fundou-se no Porto, com estatutos aprovados em 27 de Março de 1836, a «Primeira Associação da Indústria Fabril Portuense», cujo principal objectivo seria ocupar os edifícios e aproveitar os equipamentos da antiga Fábrica de Arcos de Ferro.

Esse projecto, contudo, não foi avante e apenas em 1853, a Companhia Geral das Vinhas do Alto Douro requereu autorização para leiloar a antiga fábrica de Fundação «no sítio de Crestuma da freguesia de Santo Andre de Lever». A petição foi deferida em 20 de Outubro de 1853 e em 29 de Março de 1854 o cirurgião portuense António Ferreira Braga, lente da Escola Médico-Cirúrgica morador nos Lavadouros, arrematou-a com um lanço de 36 contos e 201 mil reis.⁴⁰

A FÁBRICA DE FIAÇÃO DE CRESTUMA

Sousa Reis afirma que a fábrica de Fiação de Crestuma foi fundada por decreto de 26 de Junho de 1864, que aprovou os estatutos (REIS, 1984:230). Contudo, em 1854 a fábrica começara já a fiar algodão, sendo, nesse tipo de produção, a segunda no Norte do país (Fig. 7).

COMPANHIA FIAÇÃO DE CRESTUMA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Premiada nas Exposições Internacionais de Londres de 1862, Portuguesa de 1865, de Filadélfia de 1876, Nacional de Lisboa de 1863, Industrial do Porto de 1861 e Universal de Paris de 1878

Os produtos da Fábrica de Tecidos são para consumo do País e das Colónias



Fundação da Companhia em 1854, com fabrico de Fiação de Algodão e Torcedura, com a de Tinturaria em 1904 e com a de Tecidos de Algodão, Cardação e Acabamentos em 1906

SEDE NO PORTO: R. INFANTE D. HENRIQUE 25-A-1.º - Telefones: Escritório, 322 - Fábrica 7-CRESTUMA

Fig. 7 - Companhia de Fiação de Crestuma, na freguesia de Lever, mas na localidade de Crestuma, no início do século XX (coleção particular).

António Ferreira Braga formará uma parceria com três capitalistas portuenses e só em 1870, por falecimento

⁴⁰ Arquivo da Junta de Freguesia de Lever, processo dos limites da freguesia de Lever. Mapas e Documentos, 1º Volume doc. nº 14. C/4.66. (Nota: O documento é uma cópia, tendo a seguinte anotação dactilografada: «O Original encontra-se no Museu da Real Vinícola, Rua Azevedo Magalhães, 314, Vila Nova de Gaia».)

dele, essa parceria foi transformada na Companhia de Fiação de Crestuma (CRESTUMA, 1904:17). Essa parceria deveu-se ao facto de a antiga Fundação ter ficado a pertencer não só ao arrematante, mas, por trespasse do lanço, a António José de Castro e Silva, Visconde de Castro e Silva e dois associados: António Ferreira Baltar Júnior e Manuel Gualter Torres. Em 10 de Maio de 1854, os quatro sócios compram a António Francisco dos Santos e sua mulher Marília Gomes, moradores em Fioso, um moinho de duas rodas negreiras, junto do Engenho, pertencente ao terço do casal de Fioso foreiro à Mitra do Porto. O contrato incluiu a compra, por António Francisco dos Santos e sua mulher, ao Visconde de Castro e Silva e os outros nomeados, do “Fôro censo anual perpétuo e irremível de noventa alqueires de milho grosso”, prestação que estava imposta na propriedade seguinte: «Quinta do Engenho, freguesia de Lever, concelho de Villa da Feira que se compõe de casas nobres armazéns e terras de lavradio matto moinhos angros e mais pertenças e serventias e engenhos machinas que de novo e que houveram por carta de arrematação e extraídos dos autos para a mesma que fez a Direcção Geral da Companhia da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro... » (Fig. 8).



Fig. 8 - Fábrica de Fiação de Crestuma.

Esse foro era devido pelo “domínio directo à extinta comenda de Lever, hoje ao Fomento Nacional de quem se obteve o respectivo certificado que ao diante vai transcripto...”⁴¹. Do mesmo livro de notas consta a compra de mais dois moinhos, junto do Engenho, pelo visconde de Castro e Silva e os seus sócios; um era propriedade do terço do casal de Fioso, o outro do quarto do mesmo casal, ambos sites em Crestuma e foreiros à Mitra, acompanhada pela compra do foro da quinta do Engenho.⁴² Trata-se, por conseguinte, dos mesmos moinhos que referimos no início desta comunicação.

Em 30 de Agosto de 1878, a Companhia de Fiação de Crestuma, para garantir um empréstimo de 50.000\$00 réis, contraído à Companhia Utilidade Pública, hipoteca os seus bens, a saber:

«Casa da fabrica, com o edificio grande da entrada, dito novo, armazem grande da pedreira, edificio de habitação ao pé da eira, diferentes casas pequenas, armazens com todo o seu machinismo fixo, casas de caseiros, quatro casas com rodas de moinhos, terras lavradias, matto e pinhal, com arvores de vinho, fructa e outras, com suas aguas, pertenças e cervidões, formando tudo um predio unido, denominado Quinta de Crestuma, situado no lugar assim chamado da freguesia de Santo André de Lever, do concelho da Feira...».⁴³

A hipoteca incluía a maquinaria da fábrica, que vem discriminada no documento. Alguns anos depois, quando da realização do Inquérito Industrial de 1891, um membro do concelho fiscal da Companhia, Leonardo Torres, relata à Comissão de Inquérito os problemas porque passava a fábrica, «em estado decadente», motivados pelo excesso de produção e concorrência, e adianta as razões que estiveram na origem da fundação dessa unidade fabril. Segundo ele, o grande lucro que a Fábrica de Vizela – a primeira do Norte - tinha obtido com a guerra Civil nos EEUU, que fizera subir muito o preço do algodão, levava a que muitos pretendessem imitar o seu sucesso, criando unidades industriais de fiação de algodão. O conhecimento da existência de um açude com dez metros de altura em Crestuma (Fig. 9) fez com alguns indivíduos se precipitassem para aí fundar a Fábrica de Fiação, «que tem estado sempre em miséria constante» (INQUÉRITO, 1881:91-93). No fundo, as mesmas razões que tinham levado à instalação, nesse mesmo local, dos antigos moinhos.

⁴¹ ADP, Po4^o, Livro 544, 1854, Maio 10, fl. 73v^o e ss.

⁴² *Idem, ibidem*, 1854, Maio 10, fls. 75 e ss e fls. 76 v^o e ss.

⁴³ ADP, 7^o Cartório Notarial do Porto, 30 de Agosto de 1878, fls. 48v^o-50.



Fig. 9 - Saída do canal que conduz a água para as turbinas da fábrica.

CONCLUSÃO

As condições naturais e o acesso fácil ao Porto ocasionaram a existência de numerosos moinhos no Huima. Especialmente propício para eles foi o trecho desse rio, na freguesia de Lever, que bordejia a colina de Soutelo. Eles articularam-se com a economia dos casais de Crestuma e Lever, despertando o interesse dos portuenses e, no mesmo local, suceder-se-iam duas importantes unidades industriais: a Fábrica dos Arcos de Ferro e Verguinha e a Fábrica de Fiação de Crestuma.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Abel Ernesto Barbosa e Francisco Barbosa da COSTA. *Santo André de Lever - Notas Monográficas*. S.L: Paróquia de Santo André de Lever, 2003.
- COSTA, Francisco Barbosa da. *Santa Marinha de Crestuma - Notas monográficas*. S. L: Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Junta de Freguesia de Crestuma, 2000,
- 162 CRESTUMA, Companhia de Fiação de. *Relatório da Direcção e parecer do Conselho Fiscal relativos ao ano de 1904*. Porto: Typographia Progresso de Domingos Augusto da Silva & C.ª 15. Largo de S. Domingos, 1905.
- GIL, Maria Olímpia da Rocha. *Engenhos de Moagem no século XVI (Técnicas e Estruturas)*. Sep. Do Tempo e da História, 1 Lisboa: [s.n.], 1965.
- HERCULANO, Alexandre - *Portugaliae Monumenta Historica, Diplomata et Chartae*, vol. I. Lisboa, 1867.
- INQUÉRITO Industrial de 1881. *Inquérito dirceto. Primeira Parte. Depoimentos*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881
- QUEIROZ, José Francisco Ferreira. "Primeira Associação de Indústria Fabril Portuense" e a fundição em Crestuma. In, Fernando SOUSA (coord.). *"A Companhia e as relações económicas de Portugal com o Brasil, a Inglaterra e a Rússia"*. Porto: CEPESE / Afrontamento, 2008, p. 131-137.
- REIS, Henrique Duarte e Sousa. *Manuscritos Inéditos da BPMP. II Série -3*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1984.
- SOUSA, Fernando de. *O Arquivo da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro*, Porto: CEPESE, 2003.

CURRÍCULO DO AUTOR

José Ferrão Afonso

Licenciado em História, variante de Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Mestre em História da Arte pela mesma Faculdade e Doutorado em Teoria e História Arquitectura pela Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona. Professor auxiliar da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, Investigador integrado da linha de Estudo e Conservação do Património Cultural do CITAR. Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto.

Contacto: jafonso@porto.ucp.pt